

Uma coronel no sertão: transfigurações do feminino em *A História de Bernarda Soledade*, de Raimundo Carrero

A 'coronel' in the backlands: transfigurations of the feminine in A História de Bernarda Soledade, by Raimundo Carrero

Felipe Dantas da Silva*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil

André Tessaro Pelinser**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo: O regionalismo tem sido considerado por grande parte da crítica literária brasileira como uma manifestação de baixa qualidade artística. Esta visão negativa tem levado muitos escritores contemporâneos a rechaçar a vinculação ao rótulo, ainda que, em suas obras, encontrem-se representações do universo sertanejo com temas e imagens que se inserem numa tradição regionalista. Neste trabalho, analisa-se o romance *A História de Bernarda Soledade – a tigre do sertão*, de Raimundo Carrero, com atenção às representações do feminino e do coronelismo, tendo em vista a corrente literária regionalista. O exame é baseado na personagem Bernarda Soledade, que subverte as convenções sociais impostas pela sociedade e confere nova roupagem à representação do universo coronelista. Constata-se que, apesar da negação de Raimundo Carrero ao regionalismo, é possível encontrar na obra analisada a recorrência de índices que vêm sendo expressos ao longo da história literária brasileira e, portanto, se inserem numa tradição regional, mesmo que haja transfigurações no modo como estes elementos são representados.

Palavras-chave: Feminino. Coronelismo. Regionalismo. *Bernarda Soledade*. Raimundo Carrero.

Abstract: Regionalism has been considered by a large part of Brazilian literary criticism as a manifestation of low artistic quality. This negative view has led many contemporary writers to reject the association to the label, even though their works present themes and images that are part of a regionalist tradition. This paper analyzes the novel *A História de Bernarda Soledade - a tigre do sertão*, by Raimundo Carrero, focusing on the representations of the feminine condition and of the phenomenon known as "coronelismo". The analysis is based on the character Bernarda Soledade, who subverts the social conventions imposed by society and gives a new guise to the representation of the "coronelismo". It appears that, despite Raimundo Carrero's denial of regionalism, it is possible to find in the work analyzed the recurrence of indexes that have been expressed throughout Brazilian literary history and, therefore, are inserted in a regional tradition, even if there are transfigurations in the way how these elements are represented.

Keywords: Feminine condition. Coronelismo. Regionalism. *Bernarda Soledade*. Raimundo Carrero.

*Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Currais Novos, bolsista de Iniciação Científica. E-mail: dantasf731@gmail.com.

**Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Currais Novos, doutor em Estudos Literários. E-mail: andre.pelinser@gmail.com.

1 REGIONALISMO: RÓTULO NEGATIVO

O regionalismo existe na literatura brasileira desde o século XIX, mas naquele momento “o termo regionalismo não tinha presença na crítica, ou se tinha era apenas pontual, e muito menos podia ainda se considerar que se tratasse de um conceito com estatuto e alcance que já buscasse sistematizar algum tipo de conhecimento sobre a literatura brasileira” (GIL, 2018, p. 10). Os autores daquele período buscavam representar em suas obras elementos da cor local de forma ufanista, tendo em vista que se procurava afirmar a identidade literária brasileira, após a independência política.

Tal manifestação ufanista é percebida na obra de José de Alencar, autor que mapeou o Brasil através de romances ambientados em diversas regiões do país. *O Gaúcho*, de 1870, é exemplo de obra que faz parte do projeto de nação elaborado por Alencar, que incorpora a ideia de região na medida em que é traçada uma imagem de país a partir de suas partes. “Daí o aspecto aparentemente paradoxal de se ter uma ‘produção literária regional’ e uma reflexão literária que não a incluía nominal, crítica e historicamente, não a incluía porque ela era percebida única e exclusivamente como literatura ‘nacional’” (GIL, 2018, p. 24). José de Alencar colocou em prática um projeto nacionalista de literatura ao abordar em suas obras as regiões do país de forma a evidenciar os costumes, tradições e crenças, para assim representar uma nação brasileira.

Nesse sentido, o nascimento do regionalismo brasileiro está atrelado ao que mais tarde se convencionou chamar de cor local. A crítica a este rótulo, que carrega intrínseco o elemento pitoresco, superficial e descritivo, pode ser percebida na obra de um grande nome da literatura brasileira: Machado de Assis. Em *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de Nacionalidade*, de 1873, Machado afirma que a independência literária brasileira ainda não tinha fincado seu alicerce e que esta necessitava de menos cor local, de forma que “o que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo” (ASSIS, 2008, p. 1205). Tal argumento posteriormente viria a influenciar vários outros críticos e escritores, suscitando uma visão negativa a respeito do regionalismo.

Um dos críticos que aderem a este discurso é Antonio Candido, o qual afirma:

Vem a propósito dizer que o caso do Brasil é talvez peculiar, pois aqui o regionalismo inicial, que principia com o Romantismo, antes dos outros países, *nunca produziu obras consideradas de primeiro plano*, mesmo pelos contemporâneos, tendo sido tendência secundária, quando não francamente sublitéria, em prosa e verso. Os melhores produtos da ficção brasileira foram sempre urbanos, sendo que o seu maior representante, Machado de Assis, mostrava desde os anos de 1880 a fragilidade do descritivismo e da cor local, que bania dos seus livros extraordinariamente requintados (CANDIDO, 1970, p. 194, grifo meu).

A explanação de Candido acerca da recorrência da cor local nas obras dos que pretendiam realizar a independência literária brasileira é que “a superação destas modalidades e o ataque que vêm sofrendo por parte da crítica são demonstrações de amadurecimento. Por isso, muitos autores rejeitariam como pecha o qualificativo de regionalistas, que de fato não tem mais sentido” (CANDIDO, 2011, p. 194). Dessa forma, percebe-se que Machado de Assis influencia, talvez inconscientemente, boa parte da crítica a vincular obras regionais somente aos elementos da cor local, deixando em evidência que, ao longo da história literária

brasileira, parece haver um consenso entre críticos e escritores acerca do regionalismo. Segundo Luís Bueno, “O consenso em questão é o do caráter restrito da literatura regionalista, sua abordagem idealizadora do homem do interior do país” (BUENO, 2016, p. 220).

Ao se referir ao regionalismo, Candido atribui o rótulo a uma questão econômica, com o argumento de que, enquanto o país continuasse subdesenvolvido, o regionalismo esbanjaria vitalidade. Dessa forma, elucida-se que a corrente literária é associada a regiões pobres e subdesenvolvidas, como podemos constatar:

O regionalismo *foi* uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local. Algumas vezes foi oportunidade de boa expressão literária, embora na maioria os seus produtos tenham envelhecido. Mas de um certo ângulo talvez não se possa dizer que acabou; muitos dos que hoje [1970] o atacam no fundo o praticam. *A realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante.* Basta lembrar que alguns dentre os melhores encontram nela substância para livros universalmente significativos (CANDIDO, 2011, p. 192, grifos nossos).

Chama a atenção o verbo no pretérito – “foi” –, o que significa que a partir de 1970, quando o texto foi publicado, o regionalismo seria desnecessário, sugerindo que esta corrente perdura devido à existência do subdesenvolvimento. Além disso, no argumento de Antonio Candido, percebe-se que o pensamento do subdesenvolvimento é atrelado ao regional, deixando subentendido que nos grandes centros urbanos tal fenômeno socioeconômico não se manifesta. O pensamento do crítico pode ser confrontado com o fato de que em alguns países da Europa, mesmo considerados desenvolvidos, continuam a surgir obras voltadas ao espaço regional, como evidencia Ligia Chiappini:

Um levantamento bibliográfico feito em 1992-93 e o contato com vários especialistas no assunto em diversas universidades europeias confirmaram uma suspeita: a de que o regionalismo, que setores da crítica literária brasileira consideraram uma categoria ultrapassada, continuava presente e, até mesmo, tinha-se tornado tema de pesquisas muito atuais (CHIAPPINI, 1995, p. 153).

Percebe-se, enfim, que o regionalismo tem a prerrogativa de ser associado como um rótulo negativo, negatividade esta que foi sendo construída de forma gradual ao longo do tempo, especialmente pela crítica literária, que, ao julgar as obras, emprega protocolos urbanos e ortodoxos que “talvez codifiquem, no rótulo regionalismo/regionalista sua incapacidade de dar conta do modo de ser mestiço da literatura regionalista que, produto cultural crioulo como o país, é carimbado como estrangeiro pelos olhos urbanos e europeizados da crítica” (LAJOLO, 2003, p. 327). Julga-se como má literatura a maioria das obras que têm, intrínsecos, em seu *corpus*, traços regionais. Nesse sentido, o conceito de regionalismo, se é que podemos falar em conceito, é usado “com frequência na tradição de nossa crítica e história literárias como divisor de águas entre boa e má literatura” (LAJOLO, 2003, p. 327).

2 RAIMUNDO CARRERO: NEGAÇÃO AO RÓTULO REGIONALISTA

Devido à visão negativa que o regionalismo tem obtido há mais de um século, autores criticam e rechaçam a vinculação ao rótulo problemático. Raimundo Carrero – escritor, jornalista e professor de criação literária, pernambucano nascido na cidade de Salgueiro, autor de *A História de Bernarda Soledade: a tigre do sertão* – é um dos autores que têm uma relação conflituosa com a manifestação literária em questão. Junto a ele se aliam escritores que produziram obras na segunda metade do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, como Antônio Torres, Milton Hatoum e Ronaldo Correia de Brito.

Em entrevista concedida ao *Jornal Rascunho*, Carrero evidencia essa vinculação conflituosa:

O que me marcou foi a obra de José Lins do Rego. Eu tinha uns três, quatro livros num volume só: *Usina, Menino de engenho, Bangüê* [Sic]. Me lembro bem demais da edição. Em papel grosseiro, papel de jornal. José Lins do Rego marcou minha vida, e ainda a marca, até hoje. Graciliano Ramos marcou minha vida inteira. Até certo momento, eu achava Zé Lins mais escritor que Graciliano. É claro que, à medida que fui amadurecendo, fui verificando que a grande literatura estava com Graciliano. *A literatura de Zé Lins é mais documental, porque é ligada ao movimento regionalista.* (RAIMUNDO, 2012, grifo nosso)

Raimundo Carrero parece atribuir valor à obra de José Lins do Rego, sob influência da crítica que associa a ficção deste ao movimento regionalista, o que mostra que o escritor de *Sombra Severa* nega a vinculação ao rótulo por estar ciente de que há uma visão negativa construída ao longo do tempo sobre essa manifestação literária. Assim, nenhum escritor deseja que suas obras sejam associadas a um símbolo diminutivo, sendo um desses autores o próprio Raimundo Carrero. O autor pernambucano continua:

E o regionalismo era um movimento puramente de documento. Gilberto Freyre, que criou o movimento, dizia exatamente assim: “O romance deve estar ligado à sociologia e à antropologia, com alguma coisa de estética”. E, naturalmente, é o inverso: o romance é estético, com alguma coisa de filosofia e antropologia. No livro *Menino de engenho*, ocorre um erro gramatical que a gente também usa, mas que não tem nenhum sentido. Zé Lins diz assim: “Quando eu me acordei naquele dia”. Ninguém *se* acorda. Não há perigo disso acontecer. Você acorda. “Quando acordei.” A expressão “*me* acordar” é completamente errada. Não tem nenhum sentido você *se* acordar. Você acorda. Então, você consegue perceber isto: a obra de José Lins do Rego tem essa documentação. Na obra de Graciliano Ramos, você não encontra expressões populares ou erros gramaticais, porque a visão que ele tinha do romance era outra. Bem diferente (RAIMUNDO, 2012, grifos do autor).

O uso do verbo no pretérito na primeira frase da citação – “era” – denota que o regionalismo foi uma manifestação literária de documento, mas que supostamente não é mais. Carrero cita o exemplo de uma expressão usada por José Lins do Rego, para dizer que a obra daquele autor preocupa-se em documentar e, portanto, é regionalista. Atrelar obras regionalistas à documentação é um argumento conhecido não somente por Gilberto Freyre, mas também pela crítica de matriz modernista, como Lúcia Miguel Pereira, que, em *História da literatura brasileira: prosa de ficção*, defende em um capítulo destinado ao

regionalismo que pertencem a esta corrente “as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais” (PEREIRA, 1988, p. 175). Entretanto, o discurso da arte não é aquele que documenta, fixa ou retrata, mas aquele que representa, e consequentemente cria algo novo, pertencente ao discurso artístico. *Grosso modo*, na visão da crítica citada, a ficção regionalista não é detentora de teor artístico.

Essa problemática fica explícita em entrevista proferida por Raimundo Carrero à *Folha de S. Paulo*, na qual o autor julga com uma indagação a capacidade artística de obras regionalistas:

O movimento regionalista não tem compromisso com a estética e, portanto, é antiliterário. Gilberto Freyre já estabeleceu que a obra regionalista está ligada ao retrato da região. Como é que se pode chamar de regional uma literatura que não é documental e não está ligada à sociologia, e sim à estética, que é a finalidade da arte? (FUKS, 2005).

Mesmo diante da crítica realizada à ficção de José Lins do Rego, o escritor assegura: “os autores que me marcaram — e ficaram —: José Lins do Rego, que continuo achando um grande escritor, Graciliano Ramos e Ibsen” (RAIMUNDO, 2012). Apesar de explicar que a ficção do autor da obra *Menino de engenho* tenha fins de documentação, Raimundo Carrero continua considerando a ficção de José Lins do Rego como grande. Dessa maneira, percebe-se que o escritor sofre influência da crítica literária, principalmente do amigo Ariano Suassuna e Gilberto Freyre. A influência do primeiro é percebida na entrevista concedida por Carrero ao *Livre opinião – Ideias em Debate*, acerca do regionalismo: “Eu aprendi uma coisa com Ariano, que literatura não é documentação, como o movimento regionalista faz” (RAIMUNDO, 2015). Logo, a associação ao regionalismo tem sido uma pedra no sapato de muitos autores, mesmo que em suas obras estejam presentes elementos que pertençam à tradição regionalista.

No caso de Carrero, embora sua primeira obra seja constantemente vinculada pela crítica ao movimento armorial, percebem-se nela temas e imagens que remetem ao regionalismo literário brasileiro, demonstrando que o autor recorre à tradição ao representar, mesmo que através de metáforas, *topoi* que estão firmados na literatura de matriz sertaneja. É este o caso de *A História de Bernarda Soledade – a tigre do sertão*, romance publicado em 1975, tendo como foco principal a personagem Bernarda Soledade, a qual apresenta características e práticas comuns ao coronelismo, associado, geralmente, à figura masculina. Ao fazê-lo, a obra subverte a figura feminina estereotipada, apresentando mulheres destemidas que controlam o destino dos demais personagens. Sendo assim, este trabalho analisa a representação de Bernarda Soledade com o intuito de demonstrar como a personagem desestabiliza estes padrões e assume representações associadas ao longo da literatura brasileira ao universo coronelista, o qual também sofre transfigurações na obra.

3 BERNARDA SOLEDADE: O FEMININO EM TRAJE DE CORONEL

A História de Bernarda Soledade – a tigre do sertão é a primeira obra do escritor Raimundo Carrero, a qual tem sua vinculação ao movimento armorial, idealizado pelo amigo e também escritor Ariano Suassuna. A obra deixa transparecer já no título a

personalidade forte da personagem principal, que é temida pela própria família e na região circunvizinha. Bernarda pretende expandir as terras dos Soledade, tomando para si, de forma ilícita, as propriedades das fazendas próximas para nelas caçar cavalos selvagens. Toma, inclusive, a propriedade de seu tio Anrique, que mais tarde volta à fazenda do irmão Pedro Militão para matá-lo e dar início a sua vingança, que culminaria na derrocada do império da família Soledade.

Nesse sentido, percebe-se a primeira característica que associa Bernarda ao coronelismo e às relações de mandonismo – a imagem de poder –, que tem sido visto em diferentes períodos da literatura brasileira. Desde o Romantismo, produziram-se obras que procuravam representar o homem sertanejo e sua forma de demonstrar poder, mesmo que, naquele período, esta representação tenha sido de forma idealizada, com seus códigos, costumes e crenças. Um pouco mais tarde, convencionou-se por representar de forma constante a prática coronelista, a qual teve seu apogeu na história brasileira no período da Primeira República (1889-1930). Após este momento, certas obras começaram a evidenciar a queda desta figura, de forma que se pôde observar a transfiguração das características dos coronéis enraizadas desde o seu surgimento na história brasileira.

A despeito disso, elucida-se que não há consenso entre os principais estudiosos acerca do início do coronelismo no Brasil. Pang (1979, apud PINTO, p. 368) defende que esta manifestação tenha surgido no Brasil Colônia, enquanto Faoro (1977, apud FORTUNATO, 2002, p. 14) afirma que o coronelismo tenha se fundamentado no Brasil Império, mas adquiriu autenticidade na Primeira República. Segundo Fortunato (2002, p. 11) parece ser consenso entre os principais estudiosos que a manifestação coronelista tenha se alicerçado e alcançado legitimidade com o sistema político da Primeira República, de modo que se observavam as relações de favorecimento entre os poderes federal, estadual e local. Além disso, o conceito deste fenômeno tem suas ambivalências e termos que muitas vezes são tratados como sinônimos, a exemplo de coronelismo, mandonismo e clientelismo.

É Carvalho quem procura diferenciar estes termos em *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual*, de modo a afirmar que Leal considerava o coronelismo como “um sistema político”, o qual consistia em relações com políticos e envolvia compromissos recíprocos (CARVALHO, 1997, s.p.). O autor pondera que a visão do coronelismo de Victor Nunes Leal distingue-se da noção de mandonismo, ao afirmar que este refere-se:

[...] à existência local de estruturas oligárquicas e personalizadas de poder. O mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política (CARVALHO, 1997, s.p.).

Segundo o crítico, o mandonismo existe desde o período colonial e se mantém vital até os dias atuais em regiões isoladas. Conforme afirma Leal, “o coronelismo seria um momento particular do mandonismo” e se apresenta como uma característica deste fenômeno (CARVALHO, 1997, s.p.). Nesse sentido, o “controle de algum recurso

estratégico” explicitado por Carvalho está presente na obra de Raimundo Carrero na forma como Bernarda toma para si as terras de proprietários vizinhos, a qual causa discórdia e influencia a vida de toda aquela região, que compreende os fazendeiros locais e o povoado de Santo Antônio do Salgueiro. Desse modo, “o ‘coronel’ como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam” (LEAL, 1997, p. 42-43). Segundo Leal (1997), a concretização da prática deste poder é efetivada com o auxílio de empregados, agregados ou capangas, que em *A História de Bernarda Soledade* são tratados como guerreiros, que tiram à força o mando das terras de seus legítimos donos, impedindo-os de caçar cavalos selvagens e de desenvolver atividades em suas propriedades.

Como dito anteriormente, o fenômeno do coronelismo na literatura brasileira tem demonstrado sua vitalidade de diferentes maneiras, tendo sua maior representatividade no Romance de 30, principalmente, através de obras de José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Segundo Fortunato (2002, p. 155), em romances como *Usina* (1937) e *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego, é apresentado o declínio de coronéis de engenho e da sociedade patriarcal. Neste período, os engenhos começam a dar lugar às usinas, devido à “transição de uma nação rural e agrária para uma nação industrial. Os anos limites desta fase são 1850-1950” (PANG, 1979, p. 20, apud FORTUNATO, 2000, p. 33).

Desse modo, Pang afirma que o coronelismo teve sua vitalidade na história brasileira até a primeira metade do século XX, mas nota-se que a literatura buscou representá-lo em obras lançadas um pouco depois deste período, porém revestido de uma nova roupagem, ainda que sem perder todas as suas características. A recorrência deste tema após este período, mesmo que encoberto de metáforas, sinaliza a sobrevivência de um signo que está/esteve presente na literatura regional e que mantém a sua representatividade transfigurada. É o caso da obra de Carrero, uma vez que nela a personagem Bernarda assume atributos de um coronel, ao mesmo tempo em que subverte as convenções sociais e quebra estereótipos de uma figura associada até então ao universo masculino. Tal característica adquire relevância uma vez que, segundo Santini, a figura masculina assume o protagonismo na maioria das narrativas regionalistas, que “acabam por, em larga medida, manter o paradigma de representação firmado na tradição literária de matriz sertaneja” (SANTINI, 2018, p. 269).

Em relação às mudanças da representação do coronelismo, em *A História de Bernarda Soledade* é possível apreender dois movimentos da transfiguração deste fenômeno. O primeiro torna-se perceptível através da decrepitude do legítimo coronel masculino; já o segundo é explícito por meio da resignificação de sua imagem, que surge subvertida em um corpo feminino. Na obra, a decadência do legítimo coronel masculino é notada no personagem Pedro Militão, pai da Tigre, espécie de coronel aposentado, conhecido como um “criador de passarinhos” (CARRERO, 2019, p. 22), não mais considerado um indivíduo detentor de poder, mas como um senhor de idade, submisso e que cede aos mandos da filha que o repreende e domina. Na percepção de Bernarda, o pai não tem “coragem para nada, é um imprestável” (CARRERO, 2019, p. 31).

Dessa maneira, diferentemente do pai, quem assume o controle da prática coronelista na obra é Bernarda Soledade, a qual se porta e apresenta características comuns à figura masculina: “Ela própria, vestindo a armadura de couro, já comandava a domaçaõ dos cavalos; substituía o homem que não nascera do ventre de Gabriela Soledade” (CARRERO, 2019, p. 38). Segundo Lima (2019, p. 37-38), a Tigre comanda a família, os trabalhadores e os cavalos selvagens, “todavia, tal mulher que domina é masculinizada e reproduz as bases autoritárias, hierárquicas e violentas do mando das relações de poder dominante no romance”. Por conseguinte, a filha mais velha do coronel Pedro Militão tem o propósito de dominar e demonstra a sua ambição ao afirmar que “Os Soledade fundarão seu reino” (CARRERO, 2019, p. 37), agindo “de maneira autoritária e discricionária como qualquer coronel, dono de terras, invadindo e se apossando, no caso, não só das terras dos vizinhos e dos mais fracos, mas dos próprios corpos masculinos, invertendo a hierarquia de poder” (JÚNIOR, 2019, p. 145).

Nota-se, pois, que se encontra em Bernarda a metáfora que evidencia a inversão da figura do coronel em uma personagem feminina, contrariando o que se costuma observar na história da literatura brasileira. Observa-se também esta inversão de papéis pelo temperamento por vezes agressivo da Tigre e pelas funções que a personagem desempenha na fazenda de Puchinãã: “Bernarda Soledade, vestida numa armadura de couro, grande chicote na mão, comandava o trabalho dos homens no curral. Era difícil, muito difícil o trabalho. Os cavalos selvagens, de crinas revoltas, coiceavam, davam saltos, derrubavam homens” (CARRERO, 2019, p. 24).

Segundo Anrique, é Bernarda também “quem comanda a injustiça” (CARRERO, 2019, p. 31) ao roubar e destruir as plantações alheias e tomar os cavalos para si, mas todas estas atitudes têm um preço alto para a Tigre, principalmente devido ao sentimento de vingança que despertam. Primeiro porque, após roubar as terras de seu tio, a valente contraria Pedro Militão e aceita o retorno de Anrique à casa-grande dos Soledade. Bernarda coloca, assim, dentro do seio familiar o homem que mais tarde assassinará o seu pai, o coronel sem nenhuma serventia. E segundo porque é Anrique quem organiza a rebelião dos moradores do povoado de Santo Antônio do Salgueiro contra Bernarda, mesmo que depois volte atrás, traia os rebeldes e entregue todo o plano à sobrinha, o que acaba custando a sua vida, a destruição da fazenda e da região em torno de Puchinãã. Dessa maneira,

[...] a construção de um sertão feminino não deixaria de esbarrar nos traços semânticos essencialmente masculinos historicamente reiterados nas diferentes representações do mundo sertanejo: o código de honra que, na insuficiência ou corrupção de qualquer aparato legal, rege as relações – a honra do homem que se lava com sangue, por exemplo –; o vaqueiro encouraçado e a força física dispendida para domar a caatinga; a violência do cangaço (SANTINI, 2018, p. 270).

É na relação com o masculino que Bernarda se desestabiliza e perde o foco de seu plano de “construir o mundo de Puchinãã” (CARRERO, 2019, p. 54). No entanto, há um movimento contraditório nesta relação, que se confirma de acordo com a trajetória da personagem principal. Por um lado, é perceptível a influência do patriarcalismo nas atitudes e desejos de Bernarda, influência observada quando a Tigre deseja gerar um filho

homem para assumir o comando da propriedade, ao acreditar que, “Em Puchinã, falta um homem de músculos fortes. Poderia sair do meu ventre” (CARRERO, 2019, p. 38). Todavia, acaba gerando uma menina, que sofre seu desprezo e morre logo em seguida. Segundo a irmã mais nova, Bernarda “Teve uma menina e queria que fosse um homem, um homem para povoar Puchinã, que sempre teve o destino marcado para criar mulheres” (CARRERO, 2019, p. 40). Mais tarde, a Tigre passaria a comungar do mesmo pensamento de Inês, que, diferentemente da irmã, apresenta menos ambivalências no que diz respeito à compreensão de que aquele lugar teria o destino selado por mulheres.

Acrescido a isto, a visão da Tigre é permeada por certo patriarcalismo, perceptível quando ela permite que Anrique comande o trabalho do território de Puchinã após a morte de Pedro Militão, ao acreditar que ela mesma não poderia cumprir com os compromissos da fazenda e que esta designação deveria cair nas mãos de um indivíduo masculino. Por este lado, Bernarda dialoga com a afirmação de Simone de Beauvoir, para quem “A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente” (BEAUVOIR, 1967, p. 364).

Porém, a outra face da contradição da personagem torna-se evidente na mudança de pensamento de Bernarda após uma espécie de rito de passagem, o qual acontece quando Anrique doma e tem relações sexuais com a sobrinha em um curral de cavalos. Após o ato, o irmão de Pedro Militão expõe o plano dos rebeldes de Santo Antônio do Salgueiro e explana o desejo de vingança que tinha o objetivo de desonrar a Tigre: “Vim para cá com a missão de matar o coronel, meu irmão, e seduzir sua filha, minha sobrinha, para depois comandar a destruição” (CARRERO, 2019, p. 55). É a partir deste momento que ela passa a subverter os estereótipos característicos de uma sociedade patriarcal, transfiguração que inicia a partir da relação conflituosa com o masculino, o qual se torna um fator determinante para que ela venha a interiorizar do pensamento da irmã.

A mudança do imaginário da valente mulher confirma-se quando não é mais perceptível o desejo de Bernarda de gerar no seu ventre um filho do sexo masculino. Ela enfim afoga no riacho o único filho homem cotado para assumir as rédeas dos Soledade, fruto da relação de Inês com o inimigo Pedro Lucas:

O menino, enrolado no pano foi mergulhado lentamente na água barrenta do riacho. Não deu um gemido, um grito. Pareceu querer chorar, mas permaneceu o silêncio. O corpo ficou dentro do riacho durante algum tempo. Quando voltou não estava mais vivo. (CARRERO, 2019, p. 124)

Destarte, com o assassinato do sobrinho, Bernarda subverte outro estereótipo: se antes ela compartilhava da ideia de que Puchinã teria que ser governada por um homem, ao matar o filho de Inês, ela demonstra que aquelas terras poderiam ser comandadas também por uma mulher, o que evidencia mais uma vez a transmutação de ideias da Tigre, a qual ocorre novamente a partir do conflito entre o masculino e o feminino. Ao final, após matar o filho de Inês, a filha primogênita de Gabriela dá o seu ultimato: “– Não quero nenhum homem povoando as terras de Puchinã” (CARRERO, 2019, p. 124).

O destino de Bernarda e Inês, desse modo, é selado quando o patriarcado vai perdendo lugar na narrativa com a decadência e morte de seus principais representantes masculinos: primeiro, com o falecimento do Coronel Pedro Militão, que pela convenção deveria assumir o poder; depois, com a morte dos rebeldes assassinados devido à emboscada de Anrique, com o aval de Bernarda; em seguida, o assassinato do próprio Anrique e do cavalo Imperador, tendo em vista que “os cavalos serão a presença do macho” (CARRERO, 2019, p. 38); e por fim, pela queda do pensamento de raiz patriarcal da própria Bernarda. O fato de a Tigre terminar à margem evidencia mais uma vez a derrocada da figura do coronel na obra, que já havia sido observada com a morte de Pedro Militão. Agora, Bernarda, que representa a transfiguração do coronel em face de mulher, também sofre um golpe e não chega a concretizar por completo o seu objetivo de crescer o comando dos Soledade; pelo contrário, ela termina em meio à destruição da casa-grande e de toda aquela região. Porém, a queda da Tigre é diferente, uma vez que ela não tem um fim letal se contraposto com o desfecho dos demais personagens. Logo, Bernarda e Inês, duas mulheres detentoras de personalidade forte e liberta, mesmo que à margem, comprovam a supremacia e o destino das mulheres em habitar aquelas terras.

Acerca de suas personagens femininas, Carrero explana: “A mulher não pode ser vista como um elemento de fraqueza. Precisa ser vista como a compreensão do humano. Por isso mesmo, minhas mulheres são fortes e decididas, ainda que apareçam à margem” (CARPEGIANI, 2017, p. 9). Tal afirmação evidencia o movimento contraditório da personagem Bernarda: ao mesmo tempo em que a Tigre se porta como opressora e assume ares e atitudes patriarcais – ao comandar a rotina da fazenda e ditar as regras daquela região –, ela sofre intervenções do mesmo fenômeno e se torna o sujeito oprimido, acreditando que só um sujeito homem poderia comandar aquelas terras e cedendo a Anrique o comando da fazenda. Ao ditar o destino de todos aqueles que interferiram no seu objetivo de crescer o reino de Puchinãã, Bernarda a um só tempo subverte o imaginário patriarcal e se torna vítima dele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da visão negativa que o regionalismo tem adquirido ao longo da história literária brasileira, autores dissociam a vinculação a este rótulo problemático, e Raimundo Carrero é um dos que explicitam esta negação por meio de entrevistas. Contudo, o autor, dentre tantos outros que negam a associação ao termo (PELINSER; ALVES, 2020, p. 11-12), produz obras que dialogam com a tradição regionalista por meio de *topoi* característicos desta manifestação literária, mesmo que transfigurados em novas metáforas e imagens.

Em *A História de Bernarda Soledade – a tigre do sertão*, de Raimundo Carrero, pode-se notar a tentativa de representar um sertão dominado por uma figura feminina, mas sem deixar de lado as imagens que convencionalmente são representadas ao longo do tempo numa tradição de matriz sertaneja. Entretanto, o fato de o sertão ser dominado por uma mulher – Bernarda – não o torna benevolente ou caridoso, índices que costumam ser associados ao feminino. Pelo contrário, percebe-se que se mantêm vislumbres de um sertão que conserva marcas de violência e mandonismo, sem alterar a forma como este espaço costuma ser reproduzido em outras obras. A transfiguração, nesse sentido, passa

a estar no indivíduo que assume e influencia as práticas habituais de mando no sertão, que agora se encontra representado numa figura feminina.

O uso de metáforas e a inversão de papéis na prática coronelista, no entanto, parecem ter a finalidade de associar a obra ao armorialismo e desvinculá-la de temas que comumente remetem ao regionalismo, o que se nota na designação dos “jagunços” de Bernarda Soledade, descritos no romance como “guerreiros”, e na substituição da criação de gado pela caça de cavalos selvagens. Porém, alguns temas não são transmutados em metáforas armoriais, são representados como se convém observar na tradição regional: a presença do coronelismo e do mandonismo; a disputa pela posse de terras; a impunidade e a ausência do Estado; a forte recorrência da religiosidade; a presença do universo rural; e o código de honra dos vaqueiros – notado no desafio que Bernarda propôs a Anrique em domar um cavalo selvagem e no personagem Pedro Lucas, que procura honrar a morte de seu pai, matando Anrique, o cavalo imperador e destruindo a casa-grande dos Soledade.

Acerca das metáforas que são associadas ao movimento armorial, em prefácio que abre a obra, o próprio Raimundo Carrero explica o seu objetivo com a possível desvinculação, uma vez que o autor desejava escrever um livro político e armorial, mas “não queria usar gerais e coronéis, queria metáforas. Por isso fui buscar personagens femininas – Bernarda, Gabriela e Inês” (CARRERO, 2019, p. 9-10).

Nota-se, desse modo, que a subversão dos papéis convencionais na literatura brasileira e a vinculação da obra ao movimento armorial não impedem a recorrência de elementos que fazem parte do universo sertanejo. Por mais que na obra haja indícios de desvinculação do regionalismo por meio de metáforas, encontram-se ressonâncias que tratam de temáticas as quais estão inseridas naquela tradição. A tentativa de representar o feminino quebrando estereótipos no sertão evidencia também a nova roupagem que o regionalismo tem adquirido a partir de obras da segunda metade do século XX, em que o sertão também tem sofrido alterações no modo como é representado. Na obra de Carrero, vislumbra-se um sertão dominado e influenciado pela mulher, no qual, apesar da intervenção patriarcal e da não concretização dos objetivos de Bernarda, é ela quem dita as regras e assume protagonismo, com características de coronel. Ao fazer isto, Carrero recupera e ressignifica aspectos que o regionalismo tem explorado ao longo da história literária brasileira, transfigurando as convenções comumente encontradas no sertão.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: _____. *Obra completa*, em quatro volumes: volume III. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 1203-1211.
- BEAUVOIR, S. de. O segundo sexo. A experiência vivida (Vol. 2). 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BUENO, L. Abraçar a solidão: sobre os perigos do consenso. *Revista Versalete*. Curitiba, Vol. 4, n. 6, p. 219-240, 2016. Disponível em: <<http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol4-06/16LuisBueno.pdf>> Acesso em: 26 jun. 2020.
- CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-196.

CARPEGGIANI, S. Sobre os 70 anos de um criador literário obsessivo [Entrevista com Raimundo Carrero]. Suplemento Pernambuco, Pernambuco, n. 142, p. 8-9, dez. 2017. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_142_web.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

CARRERO, R. *A história de Bernarda Soledade: a tigre do sertão*. Recife: Bagaço, 2019.

CARVALHO, J. M. de. “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual”. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

CHIAPPINI, L. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 153-159, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989>> Acesso em: 26 jun. 2020.

FORTUNATO, M. L. O coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo a simulacro do poder local. 2000. 227 f. Tese (doutorado em História social) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280689>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

GIL, Fernando Cerisara. Ainda sobre o regionalismo. In: SOUZA, R. A. Q. de. MEDEIROS, C. L. de. *A história da literatura como problema: reflexões sobre a crise permanente nos estudos diacrônicos de literatura*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2018. p. 9-26.

JÚNIOR, D. M. de A. Um emaranhado pegajoso de emblemas e culpas: o sertão na literatura e no pensamento de Raimundo Carrero. *Artcultura*, v. 21, n. 38, p. 133 - 148, 12 jun. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.14393/artc-v21-n38-2019-50165>> Acesso em: 22 jul. 2020.

LAJOLO, M. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, M. C. (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 297-328.

LEAL, V. N. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LIMA, C. T. Lições da pedra: modernidade pela margem na literatura ficcionada no sertão de Raimundo Carrero e Ronaldo Correia de Brito. 2019. 293 f. Tese (doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: [s.n.], 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/335890>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

PELINSER, A. T.; ALVES, M. M. A permanência do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, e593, p. 1-13, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-4018593>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

PEREIRA, L. M. Regionalismo. In: _____. *História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 175-220.

PINTO, L. F. C. Coronelismo: uma análise historiográfica. *Locus: Revista de História*, v. 23, n. 2, 13 ago. 2018. Disponível em:

<<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20858/11235>> Acesso em: 22 jul. 2020.

FUKS, J. Pernambucano constrói tragédia do sertão [entrevista com Raimundo Carrero]. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada. São Paulo, 17 dez. 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1712200517.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2020

RAIMUNDO Carrero. *Jornal Rascunho*, Curitiba, 114, jan. 2012. Paiol literário. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/raimundo-carrero/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

RAIMUNDO Carrero: “A literatura é a história dos escombros humanos, lá está a dor de viver e estar no mundo incompreensível”. *Livre opinião – ideias em debate*, 2 mar. 2015. Disponível em: <<https://livreopiniao.com/2015/03/02/raimundo-carrero-a-literatura-e-a-historia-dos-escombros-humanos-la-esta-a-dor-de-viver-e-estar-no-mundo-incompreensivel/>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

SANTINI, J. “Um lugar fora de lugar”: a mulher e o sertão em Maria Valéria Rezende. *Estud. Lit. Bras. Contemp.* Brasília, n. 55, p. 267-284, dez. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/10.1590/2316-40185514>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

Recebido em: 15/10/2020

Aprovado em: 10/12/2020

Publicado em: 31/12/2020